

WE ARE HOME AT GILLETTE

Ferdinando Frega — Nando the Scribe

Gillettenarrative.com

ESTAMOS EM CASA NA GILLETTE

Um corpo italiano, com tudo o que um dia foi, estava prestes a se reunir a uma mente americana, com tudo o que fez — dentro dos silêncios aprendidos com a mãe Gillette e seus ensinamentos singulares.

Eu sabia respeitar a espera. Nunca com pressa. A lição que eu tinha aprendido era esta: tudo chega para quem sabe esperar — sem urgência e, mais ainda, sem expectativa.

Ser alguém que não pede nada sempre foi uma incógnita. Não ser comprável tira poder de um homem. Mas pegar sem pedir licença — esse foi o meu ensinamento. Do jeito que toda mulher do mundo está geneticamente acostumada a fazer.

Um dia nos vimos no mesmo banheiro, à mesma hora, no mesmo instante — meu pai e eu, fazendo a barba. Nós dois tínhamos a mesma reunião no mesmo horário, e a regra era sempre uma só: chegar antes, nunca na hora.

Ele parou um instante para estudar meu ritual de barbear e notou algo que o surpreendeu. A primeira passada no rosto ia de baixo para cima, a contrapelo. A segunda cobria o centro. Só a última passada corria de cima para baixo. E, sorrindo, me perguntou quem tinha me ensinado.

Olhei para ele com atenção. Ele nunca falava sem motivo. Eu precisava decifrar suas verdadeiras intenções. Mas só havia uma resposta: aprendi com você — desde os cinco anos, sempre vendo você fazer a barba todas as manhãs, sem falhar uma. Mesmo doente, com 40 graus de febre, ele se levantava, fazia a barba e voltava para a cama.

E o que eu notei foi que ele nunca ia a contrapelo naquela última passada. Porque costumava dizer que a parte áspera é a identidade de um homem — se você fica liso demais, vira mulher.

Naquela noite de maio de 2030, eu caminhava pelas ruas da minha Boston. As lembranças não paravam de vir à tona. Algumas lágrimas emolduravam a minha vida, toda aquela jornada.

Eu estava sozinho só fisicamente. Mas mentalmente estava cercado — por todos os que um dia tinham me dado uma frase, uma piada, uma história, um conto, e tinham enchido a minha

memória. E eu tinha aprendido, ainda criança, a nunca esquecer os detalhes. Porque eles são o alicerce de toda conversa séria. Sempre tinha sido assim.

Era hora de acertar as contas. E isso sempre se faz depois de uma partida de pôquer na escada, antes de ir para casa — nunca antes.

A GILLETTENARRATIVE primeiro tinha aparecido no radar. Depois tinha sido posta sob vigilância. Depois checada e verificada. E só depois disso se tornou aquilo que nasceu para ser: uma história.

Todo mundo fazia sempre a mesma pergunta: como eu podia ter dado tudo por apenas um dólar — e como podia ter construído tudo aquilo com apenas 70 dólares por mês.

A resposta estava dentro de uma imagem.

Eu estava dentro da cabana, diante do fogo. E, do outro lado do rio, olhava a Prudential Center Tower de Boston — que tinha sido a casa da minha mãe durante os anos em que ela me hospedou. E eu tinha sempre o mesmo pensamento.

Eu poderia ter gostado de saber como é viver dentro de um arranha-céu. Mas era livre para ficar exatamente onde estava — por uma única razão: eu era livre.

Nando, o Escriba. Alguém que você não espera que exista. E, no entanto, ele é real. E você sempre vai encontrá-lo dentro do que ele fez — nunca dentro do que ele disse.

Ferdinando